

4º Domingo da Quaresma

1ª leitura (Antigo Testamento) - 2 Crônicas 36:14-23

Essa leitura pertence à chamada "*Obra Historiográfica Cronística*", formada por 1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias. Trata-se de uma revisão da história da monarquia em Israel e usa como fonte a "*Obra Historiográfica Deuteronomística*" (Js, Jz, 1 e 2 Sm e 1 e 2 Rs) à luz de um novo fato histórico que é o retorno do Exílio Babilônico. A volta do Exílio sob a autoridade do Imperador Ciro de Pérsia determinava também a reconstrução do Templo de Jerusalém (cf. Esd 1: 1-4). O fim do segundo livro de Crônicas indica que os novos revisores da história da monarquia em Israel e Judá têm uma postura mais otimista que seus antecessores deuteronomistas. Enquanto os redatores da obra deuteronomista não viam nenhuma saída para o exílio babilônico os cronistas conheceram um "final feliz" para sua história.

O mérito desta revisão Cronística e não ter colocado uma pedra sobre o passado, esquecendo-o completamente. A reconstrução do Templo e da nação depois do exílio exigiu a busca de raízes no passado especialmente na relação da monarquia com a classe sacerdotal. Isso não tira a razão de profetas como Miquéias (3:5-12) que falaram contra o Templo e seus mandatários. Nem tira a razão da profunda crítica à monarquia feita pelos deuteronomistas. Trata-se de um outro momento histórico, de um outro ponto de vista, de outras metas, o que deu lugar a outras dificuldades, já que a classe sacerdotal que foi criada neste período originou os saduceus e fariseus criticados por João Batista e Jesus nos Evangelhos (Mt 3:7; 22:23-33).

A existência de avaliações diferentes e, em alguns aspectos, opostas, da história, acontece diante de qualquer evento que marca a vida de um povo. O Brasil ditatorial deixou duas avaliações: "Brasil Nunca Mais" e "Brasil Sempre". O que dizer então da pretendida comemoração dos 500 anos do desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro (BA)?

Assim o Antigo Testamento tem dois relatos da criação (Gn 1,1-2,4ª e 2:4b-3), duas versões dos Dez Mandamentos e duas avaliações da sua história, entre outras. O Novo tem quatro Evangelhos, duas ou mais versões sobre a missão do apóstolo Paulo (como exemplo At 15 e Gl 2), e outras. Isso é o que, no anglicanismo, chamamos de "unidade na diversidade" que é a libertação da unanimidade dogmática que marca a intolerância religiosa. Enquanto a unidade é às vezes buscada a qualquer custo, a diversidade exige generosidade, desapego, humildade, tolerância, compreensão e muito amor. Todos esses valores podem garantir o final feliz de Paz e a visão otimista da história que todas as pessoas desejam tanto para a Igreja quanto para o Mundo. (HMG)

2ª leitura (Epístola) – Efésios 2.4-10

O recorte de hoje salienta a passagem da morte para a novidade de vida em Cristo. Essa passagem é a salvação, (vs. 5,8). Os vs. 4-7 anunciam a origem, e o destino, propósito dessa salvação:

"Da morte para a vida em Cristo pelo seu grande amor"... A morte é salientada como condição da qual somos salvos. Aparentemente, parece faltar

concretude nessas palavras. No entanto, como metáfora sugerida pelo vale de ossos desconjuntados em Ezequiel (37.1,5,11), a salvação da morte é muito vigorosa e sugestiva. O morto não pode gritar por socorro ou reclamar por justiça. É a situação de cativo e de alienação em que não há mais vontade para nada. A morte descreve metaforicamente a condição de vida dos judeus e dos gentios (4.18; 2.1; Lc 15.32).

“Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou”... A carta destaca a anterioridade da graça, (antes da fundação do mundo, ver 1.4ss). Essa graça está atuante na vida dos salvos. Essa anterioridade qualifica a riqueza em misericórdia. A extraordinária generosidade não é uma extravagância do momento. Ao contrário, a misericórdia é o amor fidedigno, independente de circunstâncias amistosas ou inamistosas. Com esse amor fiel (que é sua vida) Deus age, em favor da humanidade em Jesus Cristo. Esse amor divino está focalizado na vida ressurreta em Cristo e na presença com Ele no lugar de honra, (vs6). Isso é a demonstração pública da imensa riqueza da graça e bondade de Deus. Essa graça está voltada para o futuro.

Vs.10 – “Pois somos sua feitura, sua obra”. No original grego é *poiema* e na versão grega do Antigo Testamento o verbo *poieo* é usado para traduzir criar. O substantivo *poiema* sugere obra de arte. Houve quem desse o título de Obra artística de Deus ao trecho de 2.10 em diante (L. Williamson, citado por M.Barth, Comentário da Carta aos Efésios).

A ênfase na graça anula as boas obras? Não. A boa obra de Deus faz com que sejamos bons. Para isso é que fomos criados. Fomos criados para ser criativos em boas obras “Que Deus já havia preparado para que nos ocupássemos com elas” (Ver LOC, p. 180 ... “para realizarem o trabalho que tu lhes preparaste”). Então, agora é o tempo de viver a novidade de vida e fazer boas obras em Cristo.

Há no discurso da Bíblia sempre matizes e nuances. Por exemplo, em Romanos 6 e em outras cartas paulinas a salvação é futura. Morremos com Cristo, e ressuscitaremos com Ele. Então, ainda não somos o que seremos. Essas duas ênfases de Romanos e Efésios apontam para saudável tensão em nossa vida em Cristo. Com o “já e aqui” temos o gozo da novidade de vida, e com o “ainda não” vivemos na esperança.

A Quaresma é o tempo de preparo para a alegria da celebração da Páscoa. Para tanto, é preciso ter certo senso de antecipação e, ao mesmo tempo, de exame ou avaliação de nós mesmos. Se Deus é rico em misericórdia, como é nossa vida em misericórdia? Se Deus é bom, como vai a nossa vida uns com os outros? Onde está o centro gravitacional de nossa vida? Onde está o coração da gente? Esta e outras perguntas nos ajudam a avaliar a nós mesmos. (ST)

Santo Evangelho - João 6. 4-15

No texto deste domingo encontramos o relato de um maravilhoso milagre. Estamos nos dias que antecedem à páscoa judaica (v. 4) e em um gesto significativo, Jesus, à semelhança de Moisés, também atravessa um mar – agora o mar da Galiléia (v. 1) – e seguido por uma numerosa multidão (v. 2), sobe um monte e de lá passa a dirigir os acontecimentos narrados aqui.

O primeiro momento desse relato coincide com uma tomada de consciência da falta de pão entre a multidão e com o questionamento acerca da solução para este problema. A pergunta de Jesus é significativa: "onde compraremos pão para lhes dar a comer?" (v. 5) Esta pergunta, dentre outras características de Jesus, revela sua sensibilidade para com as dores concretas das pessoas. Jesus não aparece aqui como o tipo de gente que acha que nada tem a ver com as dores dos outros. Há uma enorme preocupação no ar. Como fazer para alimentar esta enorme multidão de pessoas famintas e cansadas que espera algo de Deus? Nem mesmo o pagamento de 200 dias de trabalho seriam suficientes para suprir tanta gente. Embora, como nos diz o verso 6, Jesus já soubesse o que deveria fazer, ele coloca esta enorme responsabilidade sobre os discípulos. Nesse gesto ele nos ensina muitíssimo. Nos ensina a viver no paradoxo de fazer as coisas como se tudo dependesse de nós e de confiar em Deus como se tudo dependesse dele. Crer na providência e fazer o melhor que podemos não é contradição. É como se pudéssemos dizer: "é preciso acreditar, porém sem largar o leme jamais". Ou se preferir: "é preciso segurar o leme, porém, sem deixar de confiar em Deus jamais".

O segundo momento é marcado pelo aparecimento de um jovem. André, irmão de Pedro, chama a atenção do mestre para informar que está presente um rapaz que está disposto a repartir seus cinco pães e dois peixinhos. (v. 9) E acrescenta: "o que é isto para tanta gente?" O texto faz referência a cerca de cinco mil homens, sem incluir mulheres e crianças. O fato concreto e aterrador era que uma enorme multidão de pessoas famintas estava parada, de pé, esperando que Jesus fizesse algo. O que nos chama a atenção é o fato de quem faz esse "algo" é um jovem. É um jovem que abre mão de seu alimento para oferecer e colocar à disposição de Jesus tudo o que tem. Este é o princípio do milagre! Quando estamos dispostos a dar a nossa parte, a contribuir com nosso esforço, a abrir mão do que é nosso, de nosso direito, então um milagre está prestes a acontecer. Seria difícil acreditar que este jovem era a única pessoa presente que tinha algo a dar. E é possível até que, vendo a ação do rapaz outros também tenham se apresentado dispostos a repartir. O que em si só, já representaria algo maravilhoso. Mas seríamos também desonestos e injustos com o texto se não ressaltássemos o que o próprio texto ressalta, ou seja, que não havia como alimentar tanta gente! Por maior que seja nosso esforço, ele ainda é incapaz de solucionar todos os problemas sem que Deus intervenha.

Aquele jovem nos deu um enorme exemplo. E hoje, dia da mocidade anglicana, também precisamos olhar para o exemplo que os nossos jovens estão dando ao oferecer o que de mais precioso ele têm, suas vidas, para Deus. Que eles nos inspirem e que estejamos dispostos a seguir seu exemplo.

O terceiro movimento desta obra maravilhosa é feito por Jesus. Ele, em um gesto comum para a época, mas que tem uma enorme semelhança com a Eucaristia, toma o pão e dá graças. Em seguida manda os discípulos distribuírem o alimento com todos. É neste momento que o imponderável acontece. O resultado é visto pela quantidade de alimento que sobra. O suficiente para encher doze cestos! Quando nossos gestos são acompanhados com a oração, com o partir o pão e com ação de graças, quando há disposição em nosso coração para repartir e compartilhar o que temos com o outro, então o ambiente está preparado para uma ação milagrosa de Deus.

A conclusão deste texto ocorre quando há um reconhecimento público de que Jesus era aquele profeta que estava para vir. O profeta é alguém que fala em nome de Deus. E quando nos permitimos fazer o que Deus quer que façamos; quando nos sentimos inclinados a agir da forma como ele quer; quando alimentamos o desejo de compartilhar do pão com o outro, isto é um sinal de que a voz de Deus continua sendo ouvida em nossa comunidade. (JLFA)